

A TEORIA DA PREDICAÇÃO DE PIERRE ABÉLARD E A SEMÂNTICA DA FRASE DE PETER VON POLENZ: UMA TENTATIVA DE APROXIMAÇÃO*

Marcio Chaves-Tannús**

INTRODUÇÃO

Um dos meus objetivos neste trabalho é mostrar, auxiliado por dois outros escritos, que certos aspectos e resultados da teoria lógica da predicação em Abélard são, ainda hoje, úteis e significativos para as investigações da lingüística atual sobre a semântica da frase.

O primeiro dos escritos a que me refiro é um artigo de K. Jacobi, publicado em 1980, sobre a teoria da predicação nos escritos lógicos de P. Abélard. O segundo, um livro de P.V. Polenz sobre a semântica da frase alemã, publicado mais recentemente, em 1988.

Algumas explicações preliminares são, todavia, provavelmente necessárias. A primeira diz respeito ao termo "teoria da predicação". Na época de Abélard não existiam nem o nome, nem algo que se assemelhasse a uma teoria da predicação, explicitamente formulada enquanto tal. O que denominamos, portanto, "teoria da predicação" de Abélard é, e só pode ser, o produto reconstruído a partir de passagens diversas, retiradas de diferentes obras. A tentativa de reconstrução, que me serve de base, é a de K. Jacobi, com escassas modificações pontuais e alguns acréscimos que nela introduzo.

O objetivo deste trabalho, no entanto, não é testar a proposta de reconstrução a ele subjacente. O que pretendo é antes, aceitando hipoteticamente sua correção, mostrar que a base teórica e os pontos de vista, que propiciam algumas das soluções novas apresentadas por Polenz, já se encontravam desenvolvidos na obra de Abélard. Desenvolvidos e parcialmente ignorados desde então.

Um exemplo típico, para tanto, são as considerações de Abélard sobre

* Comunicação apresentada no "2 nd. International Encouter in the Philosophy of Language", UNICAMP, 5 a 8 de Ago., 1991.

**Professor do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Uberlândia.

o verbo ser em sua função de cópula verbal. A semelhança entre suas posições e as da lógica conte porânea, adotadas por Polenz, são evidentes. Algumas outras sugestões de Abélard, no entanto, poderiam abrir caminhos novos, ainda não explorados.

Por fim, uma observação de natureza metodológica. Um dos traços característicos da obra lógica de Abélard é a junção, que ela opera, de recursos e abordagens advindos de duas disciplinas diversas. As então denominadas "gramática" e "dialética". Esta é, do ponto de vista do método, a justificativa da aproximação, aqui intentada, entre a lingüística e a lógica.

A TEORIA DA PREDICAÇÃO EM ABÉLARD. SITUAÇÃO ATUAL DAS INVESTIGAÇÕES CRÍTICAS

Segundo K. Jacobi, relativamente à escolástica tardia, E.A. Moody distingue entre dois tipos de teoria da predicação, que ele denomina "teoria da inerência" e "teoria da identidade".¹ Mais tarde, L.M. de Rijk teria constatado que a mesma distinção se aplicaria aos autores da escolástica nascente.² Ambas são teorias da cópula verbal, ambas aspiram a fundamentar por que o verbo ser, cujo significado primário é o de existência ("Sócrates é"), pode contudo ser empregado também como verbo de ligação ("Sócrates é branco"). De acordo com a teoria da inerência, a cópula sinalizaria que a "forma" (a brancura), a que se refere o termo-predicado, inere no sujeito (Sócrates). O termo-predicado é, portanto, interpretado intencionalmente, o termo "sujeito" extensionalmente. A teoria da identidade, porém, interpreta ambos os termos extensionalmente. De acordo com ela, "Sócrates" tanto quanto "branco" se referem ao mesmo indivíduo.³

A interpretação primeira de De Rijk teria sido a de atribuir a Abélard um posicionamento inicial, na "Lógica 'Ingredientibus'", favorável à teoria da inerência e um posterior, na "Dialectica", favorável à teoria da identidade. A tarefa do intérprete consistiria então em estabelecer o que as duas teorias têm em comum e em investigar o porquê da reorientação ocorrida na posição de Abélard.⁴

1. JACOBI (80), p. 166.

2. Ibid.

3. Ibid.

4. Ibid.

Para De Rijk, o primeiro ponto comum entre as duas se deve ao fato de serem ambas teorias da cópula. O segundo, ele o vê no fato de que para ambas o verbo ser, mesmo ao exercer sua função de cópula, conserva também seu significado de existência.⁵

Também J. Jolivet parece ter aceitado inicialmente ser esta a posição de Abélard.⁶ Ocorre, porém, que a situação é de fato mais complexa e tanto De Rijk quanto Jolivet parecem tê-lo percebido mais tarde.

De Rijk teria posteriormente chamado a atenção para passagens na obra de Abélard, em que este reconhece à cópula uma função única de ligação, de caráter estritamente sintático. O mesmo teria ocorrido a Jolivet que, seguindo embora outro caminho, teria chegado à mesma conclusão.⁷ Com isso, como observa K. Jacobi, parece abandonada a base comum entre as duas teorias.⁸

No "Congresso Internacional para a Filosofia na Idade Média" de 1977, em Bonn, De Rijk teria procurado abordar a teoria da predicção em Abélard de um ponto de vista modificado. As teorias da identidade e inerência já não lhe pareciam mais adequadas para a interpretação das posições de Abélard. Dúvidas semelhantes teriam sido expressas também por M.M. Tweedale, em um trabalho aparecido no ano anterior.⁹

Segundo esses dois autores, a proposta de Abélard consistiria em reunir em um bloco único a parte nominal do predicado e a cópula, cuja função seria, como vimos, de natureza estritamente sintática.¹⁰ Se isso, porém, é verdadeiro, então para Abélard a carga semântica da predicção provém, nesse caso particular, exclusivamente das formas nominais do predicado.

Antes de prosseguir, talvez seja interessante observar que em um contexto diverso, onde outras formas verbais, além da cópula, foram

5. *Ibid.*

6. *Ibid.*

7. *Ibid.*, p. 167.

8. *Ibid.*, p. 166.

9. *Ibid.*, pp. 167 e 176.

10 - *Ibid.*, p. 167.

consideradas, P.v.Polenz, apoiando-se explicitamente em resultados e procedimentos da lógica clássica contemporânea, chega exatamente às mesmas conclusões aqui atribuídas a Abélard.¹¹

ANÁLISE DA PROPOSIÇÃO DE ABÉLARD. ALGUMAS SEMELHANÇAS COM A SEMÂNTICA DA FRASE DE P.v. POLENZ

De acordo com a concepção, que era a da lógica à época de Abélard, uma proposição, em sua forma canônica, compõe-se de três elementos: um sujeito, a cópula verbal e o termo nominal do predicado. Para Abélard, entretanto, em consequência da maneira como concebe a função semântica de cada um dos respectivos termos, a forma canônica da proposição seria composta de dois elementos apenas: o sujeito e o predicado flexionado.¹²

K. Jacobi, que atribui a Abélard a posição supra, concordando portanto com as análises anteriormente citadas, afirma ser Abélard o único autor medieval, de seu conhecimento, a discutir nesses termos a questão.¹³

Neste ponto, faz-se necessária, segundo creio, uma observação de caráter restritivo à interpretação de K. Jacobi e, por extensão, às anteriores. Como de fato, se as flexões nos predicados das proposições canônicas são sinalizadas pela cópula e indicam alterações ocorridas no tempo, então a função da cópula não poderá ser sempre de natureza estritamente sintática.

Nesse caso, ou atribuímos ao autor interpretado um erro pouco provável, ou restringimos o alcance da interpretação a casos particulares, como os das proposições canônicas enunciadas no presente. Isso porque, para Abélard, como teremos oportunidade de verificar mais tarde neste trabalho, os nomes, que atuam como predicados nessas proposições, trazem já implícita uma referência ao tempo presente, que retira da cópula sua função semântica.

Para melhor entender o que Abélard pensa sobre verbos e nomes, comecemos por sua recepção crítica - de acordo com a versão de K. Jacobi - de posições anteriores à sua própria.

11. POLENZ (88), pp. 60-1, 97 e 110.

12. JACOBI (80), p. 171.

13. Ibid.

Começamos então com Prisciano e a tradição gramatical, que com ele tem início. Prisciano e seus seguidores, conforme nos relata Abélard, tentaram, a partir de um ponto de vista semântico, determinar limites e estabelecer diferenças entre os verbos e os nomes. Para tanto, atribuíram a uns e a outros diferentes campos de significação. Subjacente a esse procedimento, orientando-o e fornecendo-lhe o substrato teórico, estaria a teoria aristotélica das categorias. A cada uma das categorias (campos de significação) dever-se-ia fazer corresponder uma classe de palavras (portadoras de significado). À categoria "ação", por exemplo, seja ela praticada ou suportada, dever-se-ia fazer corresponder a classe de palavras "verbo". Abélard teria, contudo, mostrado que essa classificação não se aplica a alguns verbos, tais como "ter" ou "amanhecer" por exemplo. Assim, teria ele rejeitado, como um todo, a proposta de Prisciano e seus seguidores e procurado uma solução própria e diversa.¹⁴

Segundo K.Jacobi, Abélard teria aparentemente concordado com Aristóteles no que diz respeito à função básica que define e diferencia verbos e nomes. Para Aristóteles, os verbos teriam sido criados sobretudo para exercer a função de predicado e os nomes, a de sujeito.¹⁵ Na seqüência, porém, o próprio Jacobi restringe o alcance de sua afirmação, acrescentando que, para Abélard, a cada predicado nominal corresponderia um equivalente verbal e vice-versa. E isso de tal forma que, por princípio, a substituição de um pelo outro deveria ser sempre possível, sem alterar o valor de verdade da proposição em que possam, eventualmente, aparecer.¹⁶

A incoerência, entretanto, desaparece se novamente restringimos a aplicabilidade das interpretações de K.Jacobi. Antes de tudo, é necessário ter em mente que a análise de Abélard diz respeito a proposições canônicas e que estas delimitam, portanto, o espaço de validade para suas afirmações. Isso posto, é possível verificar, nessas proposições, uma equivalência de fato - semântica do ponto de vista lógico e funcional do ponto de vista da lingüística - entre predicados nominais, tais como "est currens" em "Socrates est currens" (Sócrates está correndo) e suas correspondentes verbais, tais como "currit" em "Socrates currit" (Sócrates corre). Se isso, porém, for verdadeiro, então, no caso particular dessas proposições, o predicado, cuja flexão recai em seu componente verbal, pode sempre ser expresso por um

14. *Ibid.*, p. 172.

15. *Ibid.*, p. 173.

16. *Ibid.* p. 172.

verbo, mas nunca por um nome apenas. Nessas circunstâncias, é lícito afirmar com Aristóteles que os verbos foram sobretudo criados para exercer a função de predicado.

Mesmo a posição de Aristóteles, relativa à função que ele atribui aos nomes, poderia ser localmente compatibilizada e coincidir em parte com a de Abélard. Bastaria para tanto reduzi-la na amplitude de suas aplicações, restringindo-a apenas ao caso particular dos nomes próprios. Como, de resto, acontece nos exemplos tratados por Abélard e reproduzidos por K.Jacobi. No contexto restrito desses exemplos, é lícito afirmar com Aristóteles que os nomes foram sobretudo criados para exercer a função de sujeito.

A diferença essencial, no entanto, entre verbos e nomes, nas proposições canônicas, Abélard a enxerga na maneira específica em que cada um deles se refere ao tempo. Quando isolados e abandonados aos seus recursos próprios, a co-significação temporal dos nomes predicados é sempre a do presente; a das formas verbais, não necessariamente.¹⁷ Daí resulta um fenômeno até certo ponto curioso. Nos predicados compostos de formas verbo-nominais, no presente, o significado temporal do verbo concorda com o da parte nominal sem, contudo, modificá-la. Já no passado e no futuro, o significado do verbo predomina, determinando um deslocamento na referência temporal dos nomes na direção indicada pelo verbo. É interessante notar que Aristóteles, que também diferencia nomes e verbos pela referência ao tempo, atribui aos verbos e apenas a eles uma significação temporal.¹⁸

Com isso, porém, mesmo sem poder ter esgotado as possibilidades de interpretação da teoria da predicção de Abélard, penso ter já reunido um número suficiente de informações necessárias para a anunciada tentativa de aproximação entre a sua e a teoria de P.v.Polenz.

Embora o âmbito imediato de aplicabilidade das análises de Abélard seja diverso daquele intentado por Polenz, e ainda que sua abordagem seja significativamente mais complexa, mesmo assim, acredito ser possível, através de uma série de três exemplos que fomicerei, detectar algumas semelhanças importantes, existentes entre ambas as teorias.

O primeiro e o segundo desses exemplos referem-se à possibilidade

17. *Ibid.*, pp. 172 e 173.

18. *Ibid.* N.B.: Este parágrafo contém acréscimos e modificações relativamente à interpretação de K.JACOBI.

de equivalência funcional predicativa, insistentemente postulada por Abélard entre predicados verbais e nominais. No primeiro exemplo, trata-se de predicados compostos de cópula e adjetivo; no segundo, de cópula e substantivo.

Já o terceiro ilustra outra das afirmações básicas da teoria da predicação de Abélard, que é a possibilidade de deslocamento da carga predicativa do verbo para o nome.

Os referidos exemplos são três trechos curtos, retirados da citada obra de P.v. Polenz:

O PRIMEIRO:

*Dass Prädikate auch durch andere Wortarten als Verben ausgedrückt werden können, leuchtet unmittelbar ein in Fällen, wo es eine Variation/Ausdruckswahl zwischen verbalem und adjektivischem Prädikatsausdruck gibt: z.B. 'Ich friere/mir ist kalt'...*¹⁹

Que predicados também possam ser expressos por outros tipos de palavras que não os verbos, fica imediatamente evidente nos casos em que existe uma variação/possibilidade de escolha entre expressões verbais e adjetivas do predicado, por exemplo: 'eu me congelo/ para mim está frio'...

O SEGUNDO:

*Wie bei Adjektiven gibt es auch hier Variationen zwischen verbalem und substantivischem Prädikatsausdruck, z.B. 'Ich rauche nicht/Ich bin Nichtraucher' (...) besteht kein Zweifel daran, dass es sich auch bei diesen substantivischen Ausdrücken satzsemantisch um Ausdrücke für Prädikate handelt...*²⁰

Como no caso dos adjetivos, existem também aqui variações entre expressões verbais e substantivas do predicado, por exemplo: 'Eu não fumo/Eu sou não-fumante' (...) do ponto de

19. POLENZ (88), p. 107.

20. Ibid., p. 109.

vista da semântica da frase, não há nenhuma dúvida de que também essas expressões substantivas sejam expressões do predicado...

E O ÚLTIMO:

Hier schliessen sich Fälle an wie 'gut schmecken, übel riechen, attraktiv aussehen' usw., bei denen ebenfalls das Adjektiv keineswegs einen blossen Zusatz zur Satzbedeutung (...) sondern den semantisch wesentlichen Teil des Prädikatsausdrucks, während die Verben 'schmecken, riechen, aussehen' hier nur die Methode der Wahrnehmung der im Prädikat gemeinten Eigenschaft bezeichnen. ²¹

As esses juntam-se casos como 'ser gostoso(a), cheirar mal, ser atraente' etc, nos quais o adjetivo também, de modo algum, é um mero acréscimo ao significado da frase (...). Mas antes, do ponto de vista semântico, a parte essencial da expressão do predicado, enquanto os verbos 'ter sabor, cheirar, parecer' designam apenas o método de percepção da propriedade considerada no predicado.

CONCLUSÃO

Finalmente, para concluir, mencionarei duas conseqüências da teoria da proposição de Abélard, para as quais K.Jacobi nos chama a atenção e que suponho importantes, tanto para a lingüística como para a lógica.

A primeira diz respeito à forma de se estabelecer valores de verdade para afirmações (enquanto atos de linguagem) e proposições (enquanto expressões lingüísticas de caráter afirmativo). Para a concepção atualmente dominante, uma afirmação é verdadeira, se e apenas se a proposição a ela correspondente é verdadeira. Se a interpretação de K.Jacobi é correta, então o caminho seguido e proposto por Abélard teria sido o oposto.

A segunda, embora advenha da primeira, tem um significado cujo alcance provavelmente supere o da anterior. Como de fato: se o valor de verdade de uma afirmação determina o da proposição correspondente, então

21. Ibid., p. 108.

é inevitável que a cada proposição sejam obrigatoriamente acrescentadas pelo menos três indicações adicionais: uma relativa ao tempo, outra ao espaço e outra ao sujeito. Esse acréscimo acarretaria contudo mudanças radicais no sistema padrão da lógica clássica contemporânea, mesmo se admitirmos a existência de casos particulares em que tais indicações pudessem permanecer, por princípio, invariáveis, como por exemplo o das proposições matemáticas.²²

Este trabalho termina aqui. O exame das mudanças mencionadas me conduziria para além de seus propósitos e possibilidades.

BIBLIOGRAFIA

- JACOBI, K. (80): Diskussionen über Prädikationstheorie in den logischen Schriften des Petrus Abaelardus. Versuch einer Übersicht. In: Thomas, R. (Hrsg.): Petrus Abaelardus: (1079-1142); Person, Werk und Wirkung, Paulinus Verlag, Trier, 1980, pp. 165-179.
- POLENZ, P. v. (88): Deutsche Satzsemantik: Grundbegriffe des Zwischen den-Zeilen-Lesens, W. de Gruyter, Berlin, 1988.

22. JACOBI (80), pp. 173-4. N.B.: Este parágrafo modifica e introduz acréscimos à interpretação de K.JACOBI.